

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo e ditirambos de Dionísio**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Felipe Pretel Antunes Vieira¹

Em 'O Anticristo', Friedrich Nietzsche oferece um olhar incisivo e controverso sobre o cristianismo, descrevendo-o como uma religião pessimista e ascética que nega a vida e é baseada no ressentimento. O texto se apresenta como uma crítica feroz ao cristianismo, que Nietzsche vê como uma religião pessimista e ascética, negadora da vida e baseada em ressentimento, onde a moralidade e os valores tradicionais são invertidos, transformando a religião, o culto, a moral e a história em contradições dos seus valores naturais. Nietzsche inicia sua obra destacando que este livro é destinado a poucos, a saber, aqueles capazes de compreender sua filosofia, desafiando a complacência com a qual muitos aceitam as normas religiosas e morais tradicionais. Ele expõe as doutrinas cristãs como artefatos de uma forma de vida que denigre a razão e a vitalidade, perpetuando um estado de dependência e impotência. A religião, em sua visão, torna seus seguidores servis e subservientes, preparando-os para viver em um estado de constante subserviência, esperando recompensas post mortem em vez de buscar a realização na vida terrena. Nietzsche explora a ideia de que o cristianismo, ao inverter valores tradicionais, resulta em uma 'vontade de nada',

¹ Mestrando em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da USP - IPUSP, com coef. rend. "A". Formando em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com coef. rend. 9,6. Formado em Economia pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) - Campus Butantã. Membro da American Psychological Association (APA) e da International Society for the Study of Individual Differences (ISSID). Áreas de interesse incluem: Psicologia Clínica e Intervenções em Psicologia Clínica. Particpei do Treinamento Científico Internacional do INCBAC (Institute of Czech-Brazilian Academic Cooperation), colaborando com docentes da República Tcheca em pesquisa acadêmica. Recebi uma carta de agradecimento por minha contribuição. Atualmente, estou desenvolvendo pesquisas e artigos no domínio da Psicologia Clínica. Estas investigações objetivam contribuir para um entendimento mais profundo dos mecanismos psicológicos subjacentes e potenciais intervenções terapêuticas para tais condições. Além disso, trabalhei por um ano como psicólogo em estágio no Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes ligado ao Departamento de Psiquiatria da UNIFESP, participando tanto de atendimentos quanto de grupos de estudo na área com alunos da área da saúde. Minha formação e experiência são voltadas a pesquisa de excelência e prática clínica, alinhando-se com as linhas: (1) Intervenções em Psicologia Clínica (2) Clínica Social e Infância (3) Social Neuroscience, (3) Abordagens comportamentais e contextuais. (4) Na Psicologia da Personalidade (Personality Psychology). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2928949540669821> Email:

uma negação da vida que ele critica fortemente por se opor diretamente à 'vontade de poder', que é uma afirmação essencial da vida e das potencialidades humanas.

Quero inscrever essa perene acusação ao cristianismo em todos os muros, onde quer que existam muros — eu tenho letras que até os cegos enxergarão... Eu declaro o cristianismo a grande maldição, o grande corrompimento interior, o grande instinto de vingança, para o qual meio nenhum é suficientemente venenoso, furtivo, subterrâneo, *pequeno* — eu o declaro a perene mácula da humanidade... E o tempo é contado pelo *dies nefastus* [dia nefasto] com que teve início essa fatalidade — pelo primeiro dia do cristianismo! — *Por que não pelo último? A partir de hoje?* — Tresvaloração de todos os valores! (NIETZSCHE, 2007, p. 70)

A "vontade de nada" é uma expressão que Nietzsche usa para descrever a tendência de negar a vida e seus impulsos naturais, uma característica central do niilismo que ele associa ao cristianismo. Em contraste, a "vontade de poder" é um conceito fundamental em sua filosofia, que descreve o impulso básico dos seres vivos para afirmar sua força, expandir sua influência e moldar o mundo ao seu redor, refletindo uma afirmação positiva da vida e de suas potencialidades. Nietzsche, além de criticar o cristianismo, também analisa o conceito de niilismo em suas duas formas distintas: o niilismo antigo e o niilismo moderno. O niilismo antigo surge como um pessimismo abrangente, onde o mundo é percebido como imenso, perigoso, sem propósitos, e a humanidade é vista como insignificante. Este tipo de niilismo deu origem à moralidade cristã como seu 'antídoto'. Já o niilismo moderno emerge em uma Europa contemporânea, onde a sensação constante de ameaça não é mais predominante. Sua origem está na descrença no primeiro antídoto (a moralidade cristã) e na impossibilidade de acreditar em qualquer antídoto subsequente. Este tipo de niilismo está relacionado à desconfiança de que há algum significado no 'mal' ou na própria existência. Portanto, Nietzsche não só condena o cristianismo por sua interpretação distorcida e negadora da vida, mas também por sua influência persistente que continua a moldar a política e a sociedade de maneiras que ele considera profundamente nocivas. Este livro é, portanto, uma exortação para reavaliar e, finalmente, superar os valores cristãos em favor de uma abordagem mais afirmativa da vida, que celebra a força, a saúde e o poder.

Nesta resenha, o autor se limitou a explorar as perspectivas de Nietzsche, sem endossar pessoalmente suas visões pessoais ou crítica sobre o cristianismo.